

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

ESCAVAÇÕES NO DÓLMEN DA BARROSA, ÂNCORA.

NUNES, João de Castro

Ano: 1955 | Número: 65

Como citar este documento:

NUNES, João de Castro, Escavações no Dólmen da Barrosa, Âncora. *Revista de Guimarães*, 65 (1-2) Jan.-Jun. 1955, p. 154-159.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Escavações no dólmen da Barrosa (Âncora)

(Continuado de págs. 204 do vol. LXI)

Pelo Dr. JOÃO DE CASTRO NUNES
Leitor de Português na Universidade de Barcelona

II

Insculturas

À semelhança do ocorrido com o dólmen da Capela de Santa Cruz, nas Astúrias, cujas insculturas e pinturas, do mais alto interesse científico, só em 1915 haviam de ser descobertas por Cabré y Aguiló, pese aos diferentes reconhecimentos anteriormente nele efectuados (1), também as insculturas do dólmen da Barrosa passaram despercebidas até à nossa campanha de 1948, levada a cabo em circunstâncias que, depois de tudo, não eram de molde a fazer pensar em achados de tal natureza.

Foi no decorrer da escavação da câmara do dólmen que a primeira surpresa nos surgiu. Com efeito, em duas lajes de granito de diferente qualidade que, aproximadamente à profundidade de um metro, se encontravam em posição horizontal do lado oposto à galeria, sem dúvida ali postas ao calhar (2),

(1) Conde de la Vega del Sella *El dólmen de la Capilla de Santa Cruz (Asturias)* Madrid 1919 pág. 25.

(2) Dizemos ao calhar porque, tratando-se de pedras deslocadas dos seus lugares primitivos («tudo fora do seu lugar») e, ao parecer, sem importância de maior, compreende-se que os trabalhadores que tomaram parte na última escavação anterior à nossa (possivelmente a de Martins Sarmento, de 1879) as tivessem para ali deitado ao acaso, como outros tantos materiais destituídos de interesse.

e que à primeira vista não pareciam oferecer outra particularidade além da sua forma alongada a modo de estela, viemos a verificar, uma vez removidas para o exterior do dólmen e casualmente lavadas pela chuva, a existência de linhas onduladas a custo perceptíveis.

Precisamente a estas lajes, cujas insculpturas escaparam à sua observação e que daqui em diante designaremos por petróglifos A e B (ests. I e II, avivadas a giz), cremos fazer alusão o próprio Martins Sarmento num caderno manuscrito, há pouco publicado pelo ilustre sarmentista Senhor Coronel Mário Cardozo (1) na parte respeitante à ligeira escavação praticada por aquele sábio arqueólogo em 1879:

Pedra, apareceu pouca e sempre pequena. *Algumas pedras chatas e espalmadas* (muito poucas) poderiam ter sido postas de cutelo; mas tudo fora do seu lugar.

Enquanto que o petróglifo A ($0,91 \times 0,35$ m.) apresenta apenas uma sinusóide, só visível em certas condições de luz (2), já o mesmo não acontece com o petróglifo B ($1,03 \times 0,36$ m.), cujas sinusóides enfrentadas, obtidas por percussão (*martelage*), se assemelham morfológicamente às de Quiroga, em terras de Lugo (3), ou a determinadas pinturas do dólmen da Pedra Coberta, na provincia da Corunha (4), ou ainda ao motivo central da cabeceira do dólmen da Capela de Santa Cruz, acima referido. O seu conjunto, porém, oferece em relação a estas

(1) *Monumentos arqueológicos da Sociedade Martins Sarmento* Guimarães 1950 pág. 117.

(2) A verdade é que o adiantado estado de esfoliação granítica da respectiva superfície insculpturada, assim como o seu desgaste, não nos permitem determinar com precisão se, na realidade, a pedra continha originariamente apenas esta sinusóide e qual o processo técnico da sua obtenção.

(3) F. Bouza-Brey *Grabados rupestres serpentiformes de tierras de Lugo* (Bol. de la Comisión Provincial de Monumentos Históricos y Artísticos de Lugo t. I 1943 pág. 135).

(4) Georg Leisner *Nuevas pinturas megalíticas en España* (*Investigación y Progreso* VIII 1934 pág. 149) e *Die Malereien des Dolmen Pedra Coberta* (*Jahrbuch für prähistorische und ethnographische Kunst* IX 1934 ests. 10, 11 e 12).

algumas particularidades que, de qualquer modo, constituem uma notável variante no quadro das representações serpentiformes da arte rupestre megalítica!

Maior foi a nossa surpresa quando, ao prolongar a escavação no sentido do corredor, muito menos remexido, descobrimos à sua entrada e como que separando-o da câmara dolménica, uma terceira laje

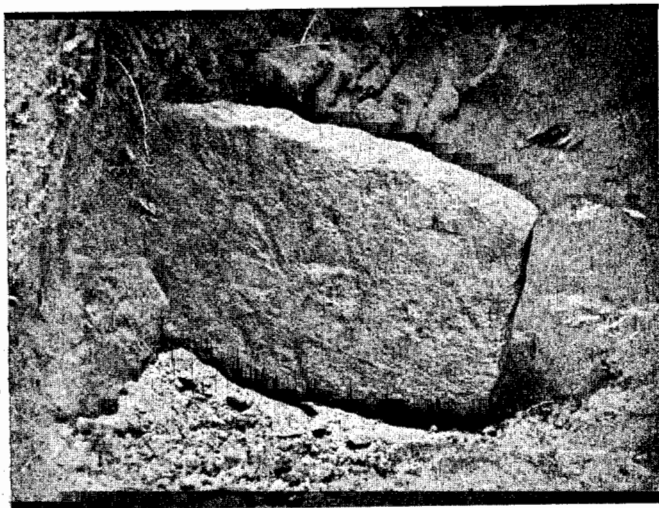


Fig. 4 — Petróglypho posto de cutelo, em sentido transversal, entre o corredor e a câmara do dólmen da Barrosa, fotografado antes de ser movido da primitiva posição em que se encontrava, com um dos lados metido ainda na parede do monumento.

(Fotografia tirada do corredor)
Cliché António C. R. d'Oliveira

de granito (petróglypho C) gravada em ambas as faces pelo mesmo processo técnico do petróglypho B.

Pela importância que este novo petróglypho possa vir a ter para futuros estudos de interpretação e cronologia do tipo de insculpturas que contém, vamos-nos deter um momento a descrever as circunstâncias em que se verificou o seu aparecimento.

Encontrada, como dissemos, ao escavar a parte da câmara contígua ao corredor e mais exactamente na zona que podemos considerar de diferenciação entre ambos, a pedra em questão (Fig. 4), que estava posta de cutelo ao mesmo nível da base dos esteios laterais do corredor, fechava parcialmente pelo lado esquerdo a câmara do dólmen, tudo levando a crer que do lado oposto tivesse originariamente existido outra que lhe correspondesse.

Continuando a remover a terra com o máximo cuidado, acabámos por notar que ambas as faces continham insculpturas, de tipo exclusivamente serpentinaforme as da face voltada para o interior da câmara e a que daremos em futuras referências o nome de posterior (est. IV), de natureza mais complexa as da outra, que passaremos a designar por face anterior (est. III) e para cujo possível paralelismo com as do dólmen de Petit Mont, na Bretanha (1), chamamos desde já a atenção.

Ao mesmo tempo era-nos dado comprovar que um dos lados da pedra entrava profundamente na parede do monumento através dum espaço existente entre o último esteio do corredor e o primeiro da câmara dolménica, em condições que não permitiam duvidar da sua autenticidade, porquanto, além de se ver claramente que a referida laje sempre fizera parte da estrutura architectónica do dólmen (2), não havia indícios de a terra que na base a rodeava ter sido removida desde a primitiva construção do monumento.

Na verdade, não se tratava de terra vegetal mais ou menos pulverizada como a do interior da câmara, mas sim de uma argila amarelada, igual à

(1) Marthe et Saint-Just Péquart et Zacharie Le Rouzic *Corpus des signes gravés des monuments mégalithiques du Morbihan* Paris 1927 est. 72.

(2) Desta particularidade construtiva, que não constitui um caso isolado na architectura megalítica, occupar-nos-emos na nossa anunciada monografia acerca do dólmen da Barrosa.

base dos esteios, com a qual formava um bloco duro, compacto, quase petrificado, sendo pois evidente que a laje, *intencionalmente* colocada entre o corredor e a câmara do dólmen, não podia deixar de ser contemporânea da restante construção.

Quanto ao lado da pedra oposto ao que estava metido na parede, oferecia a particularidade de apresentar uma ligeira curvatura, de superfície finamente polida por desgaste e com uma pátina idêntica à de qualquer superfície granítica quando frequentemente manuseada, devendo ainda frizar-se, como dado do maior interesse, que, na parte superior, a laje (0,73X0,42 m.) se encontrava fracturada com sinais bem evidentes de rotura pouco antiga.

*

Ao inventário hispânico das manifestações da arte rupestre megalítica, mais abundante em pinturas do que em insculpturas propriamente ditas (1), há pois a juntar doravante as insculpturas do dólmen da Barrosa que constituem novos elementos de comprovada autenticidade e, por isso mesmo, de fundamental importância para uma revisão de alguns dos principais problemas que aquelas nos suscitam.

Com a nossa descoberta aumentou-se, por outro lado, consideravelmente o escasso número das representações serpentiformes de carácter dolménico na área da cultura megalítica galaico-portuguesa, de que no esquema adjunto procuramos fazer uma primeira tentativa de ordenação por formas, com indicação dos respectivos processos técnicos de realização, quando satisfatoriamente conhecidos, prescindindo

(1) Eoin MacWhite *Estudios sobre las relaciones atlánticas de la Península Hispánica en la edad del bronce*. Madrid 1951 pág. 32.

Representações serpentiformes de carácter dolménico no âmbito da cultura megalítica galaico-portuguesa

*

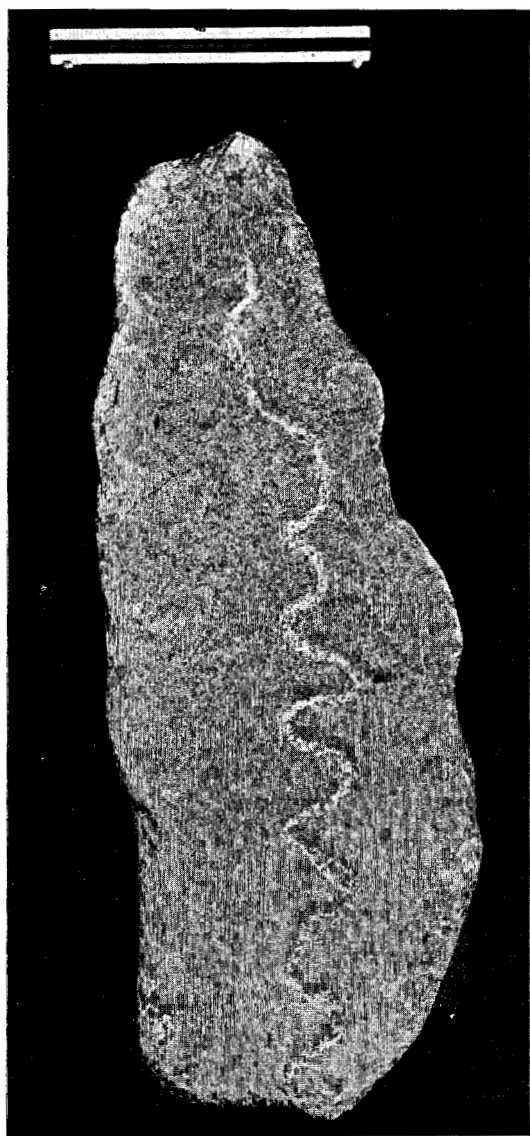
Técnica

A. INSCULTURAS	SERPENTIFORMES SIMPLES	{		<i>Pola de Allande</i> percussão		
				<i>Âncora A</i>		
	SERPENTIF. ^s DUPLAS	enfrentadas	{	unidas numa extremidade	<i>Quiroga</i>	
					<i>Âncora B</i> percussão	
		paralelas	{			<i>Capilla de S.ta Cruz</i> percussão (motivo lateral direito da cabeceira)
	SERPENTIF. ^s MÚLTIPLAS	enfrentadas	{		<i>Quiroga</i>	
					<i>Âncora C₁ (?)</i> percussão	
	SERPENTIF. ^s INDETERMINADAS	paralelas	{		<i>Quiroga</i>	
					<i>Âncora C₁</i> percussão	
B. INSCULTURAS PINTADAS	SERPENTIF. ^s SIMPLES	{		<i>Capilla de S.ta Cruz</i> (motivos laterais da cabeceira)		
B. INSCULTURAS PINTADAS	SERPENTIF. ^s DUPLAS	enfrentadas	{	não unidas..... <i>Capilla de S.ta Cruz</i> (motivo central da cabeceira)		
C. PINTURAS	SERPENTIF. ^s SIMPLES	{		<i>Lijó</i>		
				<i>Cóta</i>		
	SERPENTIF. ^s DUPLAS	enfrentadas	{	não unidas	<i>Pedra Coberta</i>	
					<i>Pedra Coberta</i>	
	SERPENTIF. ^s MÚLTIPLAS	enfrentadas	{	não unidas	<i>Sales</i>	
					<i>Padrão</i>	
	SERPENTIF. ^s INDETERMINADAS	paralelas	{		<i>Pedra Coberta</i>	
	C. PINTURAS	SERPENTIF. ^s INDETERMINADAS	{		<i>Codesás</i>	
					<i>Padrão</i>	
<i>Zedes</i>						

para já de quaisquer considerações de ordem interpretativa por escassez de amplos estudos comparativos, de tipo simultaneamente estilístico, morfológico e técnico, que devem estar na base das investigações de esta natureza.

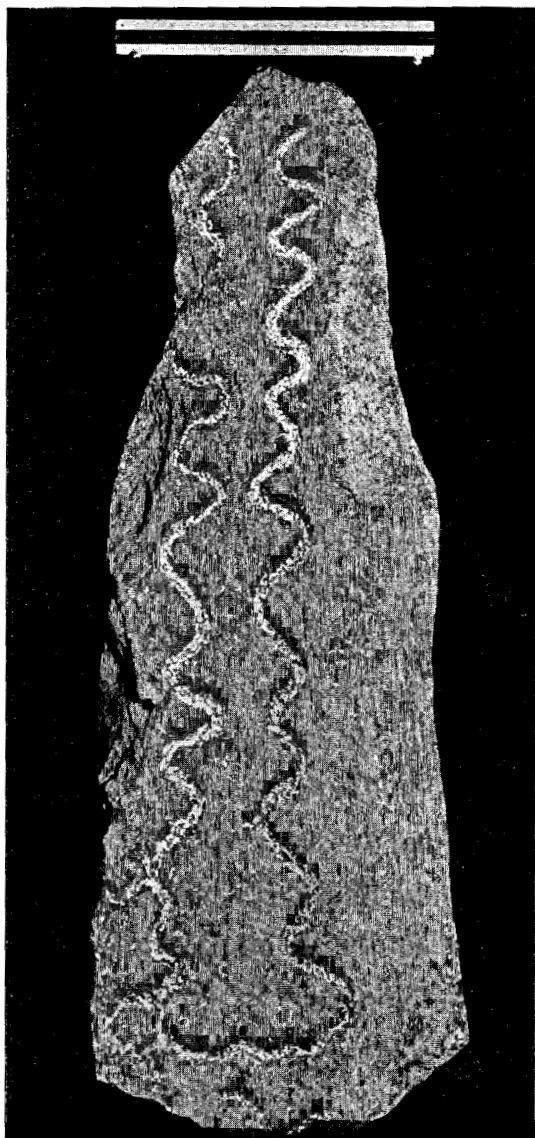
Barcelona, 1954.

Est. I



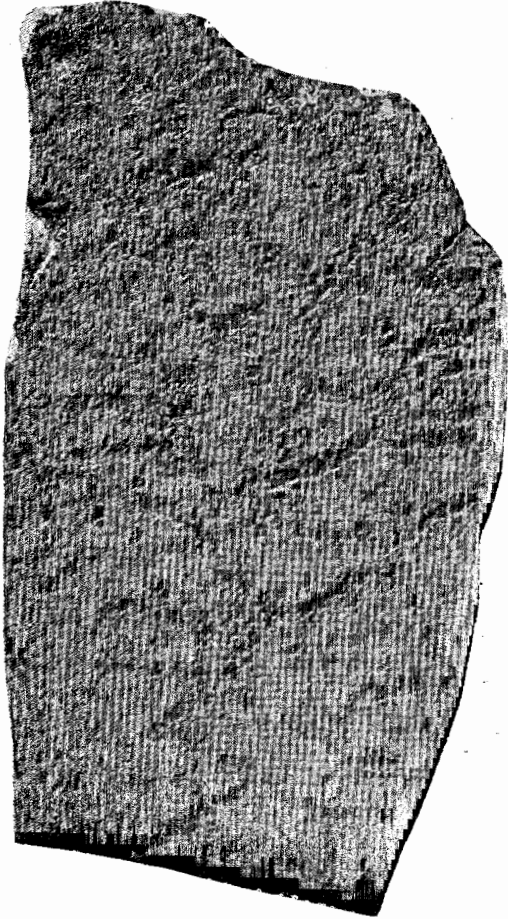
Petróglifo A

Est. II



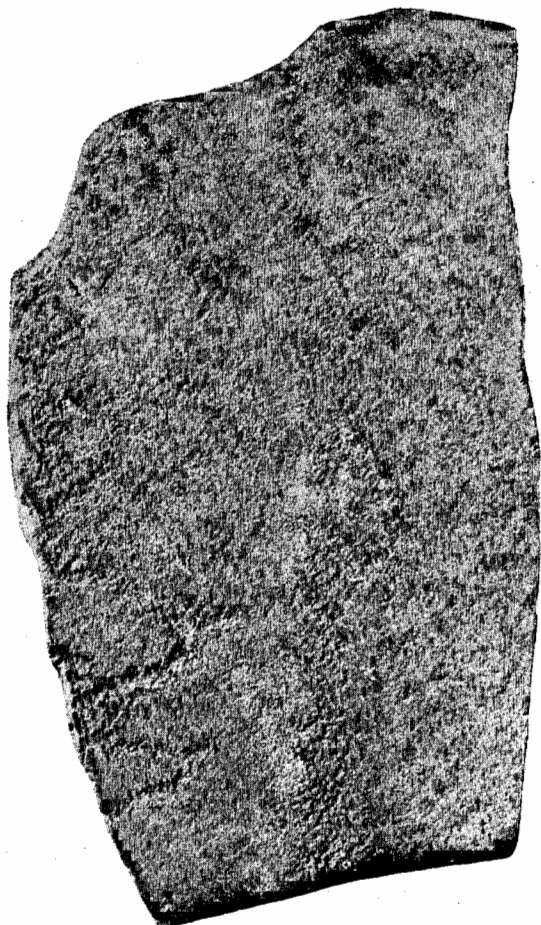
Petróglifo B

Est. III



Face anterior do petróglifo C (= C₁)

EST. IV



Face posterior do petróglifo C (= C₂)